



O BUSTO DA REPUBLICA, trabalho do escultor sr. João Silva, e que foi collocado na sala da Assembléa Nacional

N.º 279 Lisboa, 26 de Junho de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLOÑIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4\$800—Semestre 2\$100—Trimestre, 1\$200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SEculo

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE JOURERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão: RUA DO SEculo, 43



Vestidos bordados

COM VERDADEIRO BORDADO SUISSO

Vestidos bordados em Batiste, Voile, Toile, Shantung, Pongée, Tulle, Chiffon, Crêpe de Chine, desde fr. 17,50. Blusas bordadas em Batiste, Nansouk, Toile, Lã, Cachemire, Japonais, Crêpe de Chine, desde fr. 8,50, franco de porte no domicilio.

Peçam as amostras e os figurinos

Schweizer & C.^o, Lucerne A 22 (Suissa)

EXPORTAÇÃO DE BORDADOS E SEDAS

XAROPE FAMEL

CURA
INFALLIVELMENTE
BRONCHITES
MESMO CHRONICAS

TOSSES

ASTHMA

PREÇO 800 REIS

EM TODAS AS PHARMACIAS ou no DEPOSITO GERAL: 15, RUA dos SAPATEIROS — LISBOA. FRANCO DE PORTE COMPRANDO DOIS FRASCOS.



ZEISS BINOCULOS

PARA

VIAGEM ♦ SPORT ♦ CAÇA

Peçam-se prospectos T 89

A' venda em todos os estabelecimentos de Optica e por:

CARL ZEISS-JENA (Allemanha)

Berlim—Francfort s. M.—Hamburgo
Paris—Vienna—S. Petersburgo
Londres—Milano

CONSTIPAÇÕES antigas e recentes
TOSSES
BRONCHITES
são radicalmente CURADAS
PELA

SOLUÇÃO PAUTAUBERGE

que dá

PULMÕES ROBUSTOS
e previne contra a
TUBERCULOSE

PREÇO PARA PORTUGAL: 800 REIS o frasco.

L. PAUTAUBERGE
COURBEVOIE - PARIS
e em todas as Pharmacias.

COMPREM

Foulard Seda SUISSA

Peçam as amostras das
nossas Sedas Nouveautés de
primavera e de verão para
vestidos e blusas:

Foulards, Voile, Crêpe de
Chine, Chinos cachemire,
Eolienne, Mousseline 120 cm. de
largura desde fr. 1,25 o metro, em
preço, branco e cor assim como as
blusas e os vestidos borda-
dos em «batiste», lã, «toile» e seda.

Vendemos as nossas sedas garan-
tidas solidas, directamente aos
particulares e francas de
porte a domicilio.

Schweizer & C.^o
Lucerne E 12 (Suissa)

EXPORTAÇÃO DE SEDAS

Para encadernar a

Ilustração Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o **SEGUNDO SEMESTRE DE 1910** da «Ilustração Portuguesa». Preço 360 réis. Também ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remittida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vai acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

Administração do «Seculo», rua do Seculo, 43 — LISBOA

Zincogravura e Photogravura

Em zinco simples de 1.^a qualidade, cobreado ou nickelado.
Em cobre.
A côres, pelo mais recente processo —o de trichromia.
Para jornaes com tramas especiaes para este genero de trabalhos.

IMPRESSÃO E COMPOSIÇÃO

Fazem-se nas OFFICINAS

DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inexcédvel perfeição.

Stereotypia

De toda a especie de composi-
ção

Impressão e composição

De revistas, illustra-
ções e jornaes diarios da tarde ou da
noite.

Officinas da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

RUA DO SEculo, 43—LISBOA

As Canções e Danças Populares no Sarrão Sarti



A alma do povo é dada através dos seus cantares regionaes São as canções e as danças que marcam temperamentos. Assim em Portugal o norte pagão salta nas alegrias do *Vira*, no baile de roda, no *Agua leva o Regadinho*, em que se batem as palmas n'um estrondoso cheio de vida; no sul ensoalhado os canticos são mais cheios d'uncção, alguma coisa como um psalmodiar monotonno ou toada lenta em que ha notas mouriscas. O Ribatejo dos campinos audaciosos vibra no *fandango* que é quasi uma *Taramela*, baile d'epilepsia todo de sapateados na soada das mesmas notas.

Em festas populares, romarias, cirios que se desenrolavam por todas as terras do paiz, dançavam-se e cantavam-se sempre essas melodias que veem do fundo dos tempos nas diversões do povo. E' conservar a tradição d'esses canticos e d'esses bailados uma obra meritória. O maestro italiano Alberto Sarti tem cultivado muito a canção popular portugueza e tem apresentado as suas discipulas em pittorescos: trajes regionaes cantando as canções populares. Ultimamente, no concerto realizado no theatro Nacional, um grupo de gentilissimas senhoras e rapazes da sociedade elegante cantaram mo-

A sr.^a D. Elisa Sarti com o seu par sr. Salomão Ley no «Vira»



«O Vira»—Sr.^{as} D. Aida Xavier de Brito, C. Pinto Ferreira, D. Elisa Sarti, Henrique Vasconcellos e Sá, D. Manuela de Modelros, Leopoldo Ludovice, D. Julietta Leite, Fernando Sampaio, D. Luiza Pimentel, Salomão Ley, D. Dylia Baptista, João Santos, D. Estela Letão, Fernando Santos



Alguns amadores, discípulos do maestro Sarti,
que entraram nos côros populares das festas realizadas
nos theatros S. Carlos e Nacional



das do Minho, quadras ao desafio d'um grande encanto, as desgarradas lindas que são cheias de poesia.

Tambem as danças de roda obtiveram um grande successo sobretudo o *Vira* que o bulicoso rancho teve que repetir ante os applausos dos espectadores.

Essas gentis senhoras nos trajos minhotos, olhos lindos, bustos gracis, as vozes afinadas para as trovas, foram realmente uma encantadora visão n'aquelle palco onde se evocou o povo no que elle tem de mais interessante: as suas simples diversões.



1—Sr.ª D. Estella Leitão,
Leopoldo Ludovice, D. Alda
Xavier de Brito,
Carlos Noronha Feio,
D. Amelia Vaz Monteiro,
Mário Vaz

2—Sr. Pinto Ferreira
e a sr.ª D. Ermelinda Cordeiro

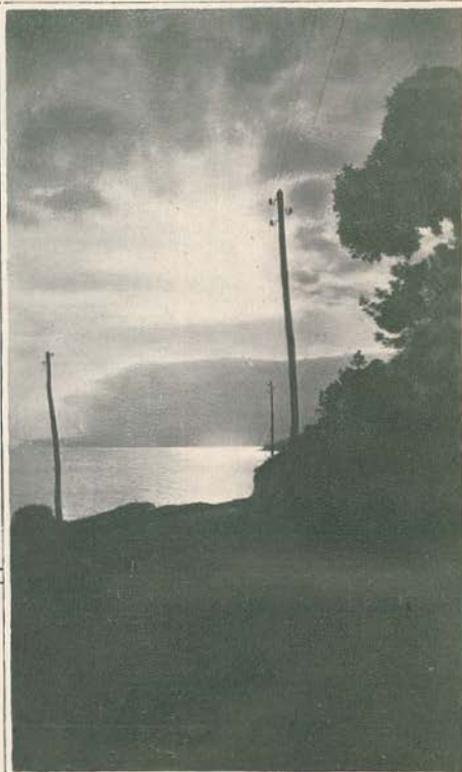
3—Sr.ª D. Manuela
de Medeiros, e D. Elisa Sarti
dancando
com o sr. Gaetano Quelroz
e Leopoldo Ludovice,
ensaiados pelo maestro A. Sarti

ASPECTOS DE LVA NO TEJO

O Tejo é aquelle lindo rio que os antigos diziam ter areias de ouro na sua foz: legendario como o Adriatico das fustas é este Tejo das naus.

As suas margens são um encanto; d'um lado as collinas verdes, sobre as quaes desponta a casaria branca; do outro os montes corcovados onde surge arvoredado e volteiam velas brancas de moinhos. Ha casas na outra margem que ainda se reflectem nas aguas, n'ellas se miram como n'um enorme e crystalino espelho, mas das bandas de Lisboa só trechos de muralhão se podem reflectir. O progresso estreitou o Tejo; encheu-o de docas, limitou-o com as moralhas, curtou-lhe as bellezas do seu espraiamento e se enriqueceu o porto roubou-lhe um pouco da sua nativa belleza.

Como foi formosa toda essa orla do lado de Lisboa, desde a Madre Deus, que as aguas viam, até ao Paço da Ribeira;



1—Uma noite de luar no Estoril



2—Na barra do Tejo
3—Na doca de Alcantara

desde a Ribeira das Naus aos morros alcantilados de Santos, depois as ribas, o valle d'Alcantara e a torre de Belem para lá dos Jeronymos evocadores, tudo isto na beira do rio, ou pelo menos muito pertinho d'elle sendo um encanto, uma maravilha.

Veiu o progres-



so; decorreram os tempos e assim como as mais bellas paizagens teem mudado de phisionomia atravez das epochas, assim a margem do Tejo mudou. Primeiro o Aterro, depois os muralhões; lá em baixo junto da Torre montado o gazometro que a entarruscou, e assim, pelo tempo fóra, do Tejo esplendido só ficou com toda a sua belleza um ou outro trecho de praia dos Estoris e Paço d'Arcos, o pedaço de S. Julião da Barra e Cascaes onde se abre o largo Oceano

Mas apesar de tudo é sempre um rio lindo, tem aspectos deliciosos; os nossos olhos prendem-se nas suas aguas, já quando pelas noites ellas reflectem o luar, já quando o sol vivo as doura n'um esplendor. São d'um soberbo effeito esses reflexos da luz no Tejo; é necessario vê-los, analysal-os, deixarmo-nos prender um pouco pelo espectáculo, n'um embevecimento, n'um extasi para apreciarmos bem toda a sua grandeza, todo o seu lado maravilhoso

Nas manhãs de verãõ, quando o sol rompe e vem dourar as grimpas, já as aguas do Tejo teem um reflexo doce. Ha scintillações, como um tremeluzimento nas ondas; parecem escamas de ouro n'um vago lucilar; depois, á medida que o dia vae avançando, chega



1—«Mar calmo», em frente de Caparica
2 — Um pôr de sol de trovoadã em Cascaes
3—A vista de Belem



o esplendor,
chega o deslum-
bramento.

As aguas teem
às vezes um co-
llorido como o
do absintho, al-
guma cousa de
leitoso sob a im-
pressão da luz.
Os barcos pas-
sam com as suas
velas, muletas
do Seixal, fraga-
tas de Alco-
chete, cahiques
de Setubal e vão
sombreado a
superficie, fa-
zendo perder
os effeitos vivos
até que no seu

rastró de espuma de novo o fogo do sol incide creando novos aspectos.

Mas quando o Tejo é formoso com os seus efeitos de luz é pelos poentes. Um corteção da Republica diria já-mais ter visto poente mais formoso que o da tarde de 4 de outubro; chamar-lhe-hia até n'um paradoxo *poente recordando uma alvorada*. Foi realmente dos espectaculos mais lindos esse poente que se observava n'um deslumbramento dos

pontos altos. Era um sol de fogo, vivo, avermelhado, uma mancha de purpura em nuvens de ouro e as aguas lá longe, no horizonte reflectiam esse vermelho e esse doirado; scintillavam nos seus estremecimentos, fuzilavam scintelhas e faziam scismar.

A par d'esse, porém, quantas lindos poentes temos observado. Umas vezes é uma cavalgada de nuvens, parecem carros triumphaes levantam-

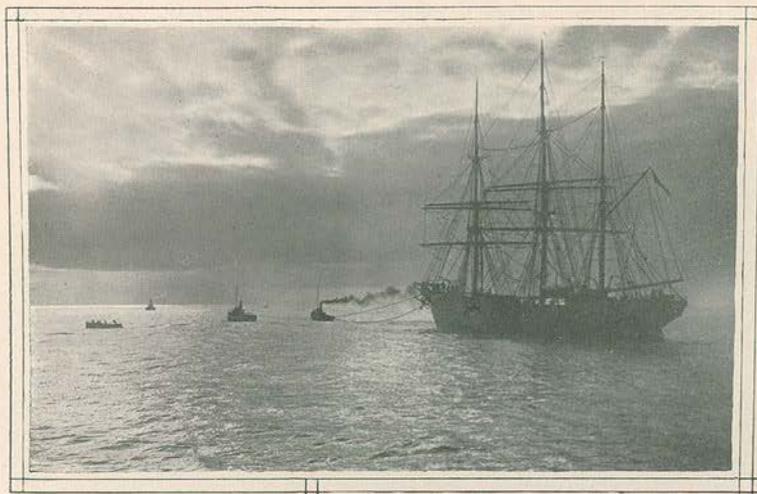


1—O mar visto do Monte Estoril, n'um pôr de sol de inverno
2—Um aspecto do Porto de Lisboa

do rolos de poeira branca no algodoado do céu; outras é uma linha igual e viva vermelhissima como um grande laivo de sangue; na maioria das vezes mutações rapidas d'uma scenographia esplendida que as aguas vão reflectindo em indiscriptiveis tonalidades n'uma maravilhosa e phenomenal belleza.

As photographias que publicamos mostram alguns d'esses soberbos efeitos de





as suas margens deliciosas e com os seus barcos de passagem e reparar bem n'esses esplendidos efeitos de luz que dão a sensação de mutações rápidas n'um caleidoscópico enorme, consolo da vista, arrebatamento do espirito.

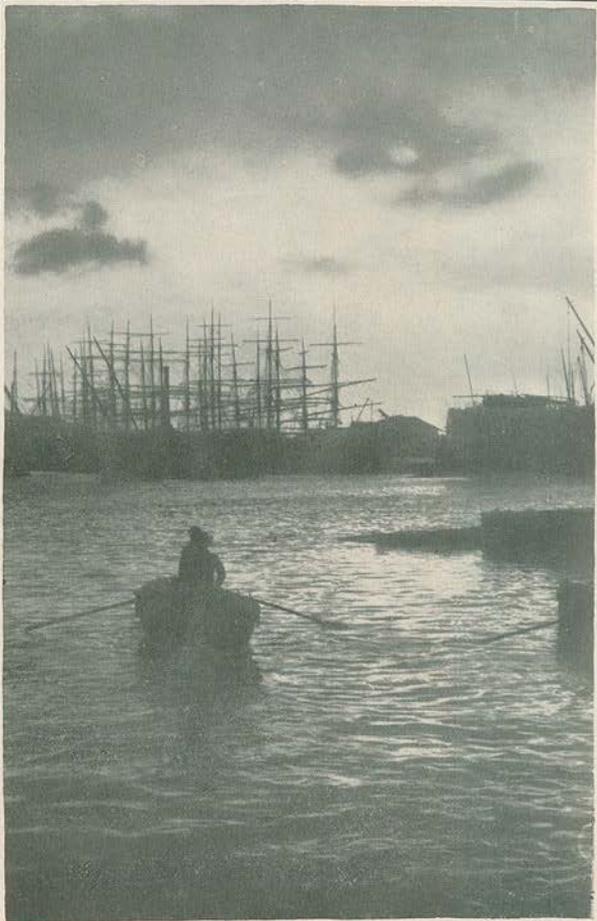
C. R.

1—Sahindo a barra 2—Nas docas
3—Um pôr do sol visto do Mont'Estoril

luz, alguns d'esses trechos do Tejo banhados pelo sol e são realmente d'uma linda impressão mas não dão ainda nem cousa alguma poderá dar, toda a verdadeira e portentosa nota do que é esse triumpho da luz nas aguas do nosso soberbo rio.

Seria assumpto para tentar pintores, seria bocado para tela impressionista. Um barco a vogar, a vela a espelhar-se na agua um d'esses soberbos poentes. O cuidado do artista estaria todo n'esse trecho, no ceu e na agua, na maravilha dos tons e no que elles dariam como reflexo, com a maior precisão, a maior honestidade, a maior consciencia. Quem o fizesse assim crearia alguma coisa de soberbo, de magnifico.

Preferível porém á tela é ir vêr pelas madrugadas, ou pelo entardecer o rio em toda a sua belleza, com





1—A inauguração do grandioso monumento erigido em Roma
a Victor Manuel

(Cliché Abenlaear)

2—A entrada do Imperador Guilherme em Berlim depois da revista passada às tropas
no campo de manobras de Tempelhof

(Cliché Dellus)

A SANCCÃO DA REPUBLICA

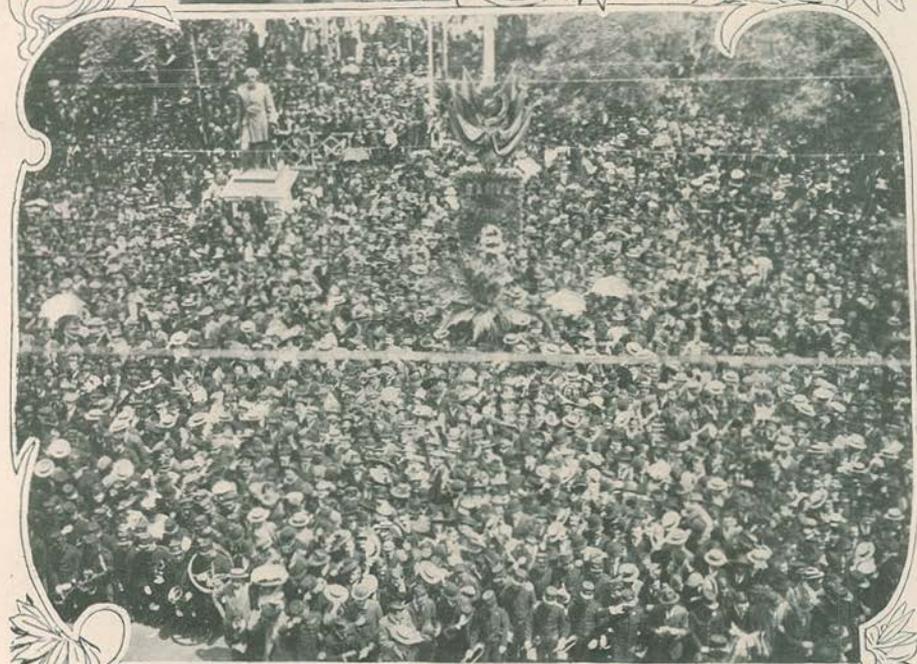
A SESSÃO INAUGURAL
DAS CONSTITUENTES



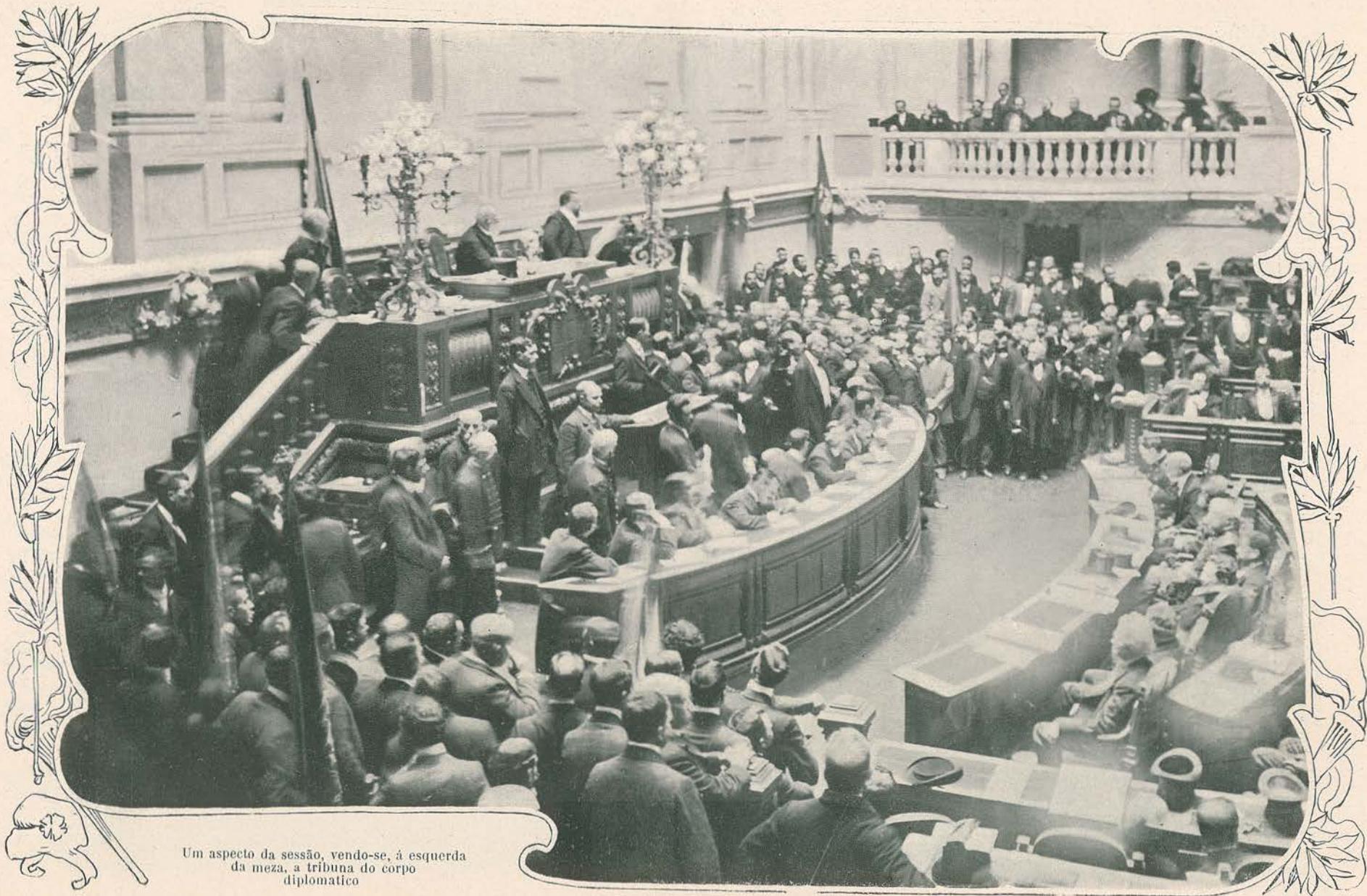
Foi em 19 de junho que reuniu a Assembléa Nacional sob a presidencia do sr. Amselmo Braamcamp Freire sahindo d'esse corpo constituinte a seguinte resolução que ao ser lida na varanda da Camara dos Deputados os applausos ruidosos e enthu-siasticos da multidão cobriram:

«Fica para sempre abolida a monarchia e banida a dynastia de Bragança.

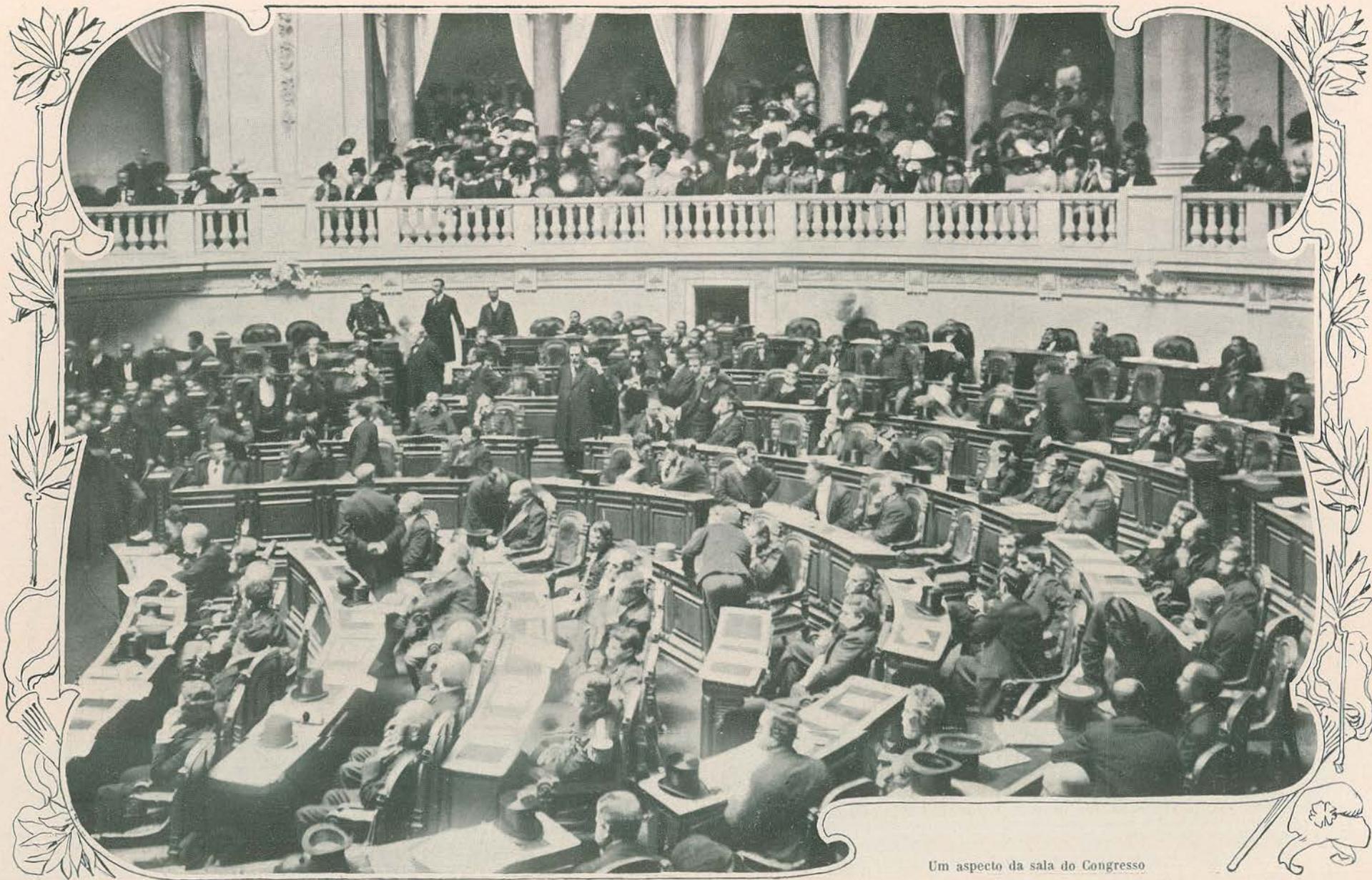
A fórma de governo de



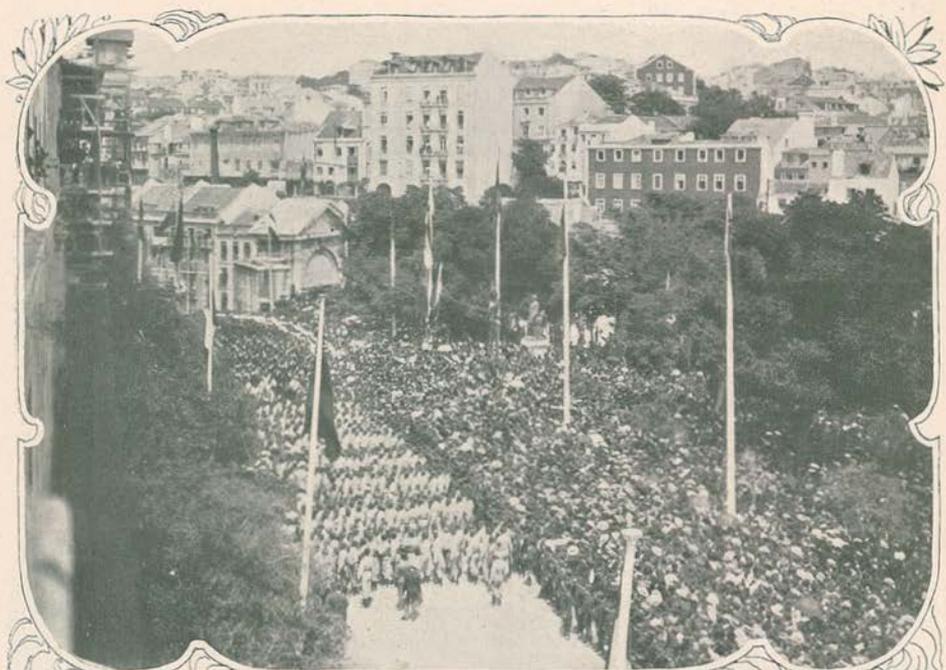
1—A proclamação da Republica na varanda do palácio do Congresso, de onde ha 3 annos D. Manuel foi proclamado rei 2—A multidão em frente do edificio do Congresso



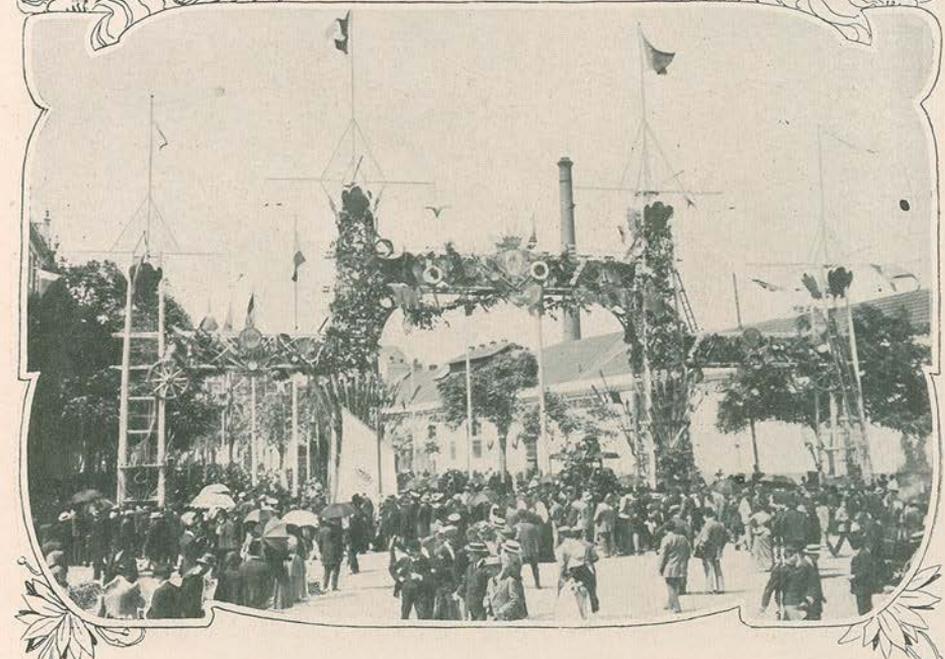
Um aspecto da sessão, vendo-se, á esquerda da meza, a tribuna do corpo diplomatico



Um aspecto da sala do Congresso



1 e 2—Aspectos da desfilada dos regimentos na Avenida das Côrtes



1—A desfilada da artilharia diante do edificio da Assembleia Nacional
2—As ornamentações na entrada da Avenida das Córtes



Portugal é a Republica Democrática.

São declarados benemeritos da Patria todos aquelles que para depôr a monarchia heroicamente combateram até conquistar a victoria, consagrando-se para todo sempre com piedoso reconhecimento a memoria dos que morreram na mesma gloriosa empreza.

De seguida as tropas desfilaram diante do palacio do Congresso e os soldados fraternizando com a multidão que os aclamava, cantavam a *Portugueza* e soltavam delirantes vivas á Republica formando o mais enternecedor espectáculo. Pela noite illuminou-se a Avenida das Côrtes onde o povo se agglomerou assistindo entusiasticamente ao festejo com que se acabava de celebrar o acto memoravel da primeira reunião das Constituintes.



1—Na casa do sr. Innocencio Camacho á rua da Esperança n.º 10 3.ª,
na qual se reuniu o ultimo «comité»
revolucionario e onde foi collocada uma lapide em 19 de Junho
2—Um trecho das ornamentações na Avenida das Côrtes



Mademoiselle Kousnesoff,
da Opéra de Paris. Vestido
da casa Beer

As festas da coroação dos soberanos de Inglaterra crezaram a moda das toilettes de linha imponentes de que damos um especimen com a photographia dde mademoiselle Andral, trajando um vestido da casa Doucet. A maioria sserá em cachemira de seda inteiramente bordada a ouro ou a prata. Na cabeça em vez da fita larga já consagrada, uma corôa de palmas adoravel. Com uma toilette assim, creada por Paquin, se apresentou madame Lara na peça *Cher Maître*, na Comédie Française.

As tunicas que no anno passado se usavam

d'uma côr sombria
sobre vestidos cla-
ros este anno se-
rão claras sobre
toilettes escuras co-
mo a cantora Kousne-
zoff. da Opera, acaba
de mostrar n'um figuri-
no Beer.

Mademoiselle Blanche
Andral
Vestido da casa Doucet





Mademoiselle
D'Aumant, vestido
de Caroline

Voltam a usar-se os jaquetões e as saias inglezas curtas, o que fórma o mais simples e o mais encantador traje, completado por uma coifa levemente enfeitada e que tão expressiva torna a gentil figurinha de mademoiselle d'Aumant.

A FESTA DE CAMÕES EM PARIS.



- 1—Mademoiselle Andree Dalyac, do Odeon, que recitou no sarau a poesia de Philéas Lebesgue dedicada a Camões
- 2—Mademoiselle Morsenne, da Comédie, que recitou a tradução do soneto de Camões «Alma minha gentil» traduzido por Mac Legrand

Camões foi comemorado em Paris por uma conferencia de Maxime Fromont na Escola d'Altos Estudos Sociaes tendo tambem discursado os srs, Jules Bois e Paul Vibert e assistido o sr. Nilo Peçanha, ex-presidente da Republica brasileira.



A MINHA MISSÃO DO DIA 5

DEPOIMENTOS D'UM REVOLUCIONARIO

POR MARIANNO MARTINS

Pelas 9 horas da noite de 4 de Outubro, depois de recebidas as ultimas noticias de terra e de se ter assente que o desembarque se faria na madrugada do dia seguinte, morria lentamente a nossa conversação. O conciliabulo effectuava-se no tombadilho do S. Rafael onde nos tinhamos reunido para trocar impressões sobre os acontecimentos que se estavam desenvolvendo e de que eramos protagonistas.

Era extravagante esse conselho de officiaes! Parreira, Maia e Vasconcellos e Sá estavam semi-deitados—os cotovellos fincados no chão—; Sousa Dias sentado n'uma celha de cabos; Tito, em pé, encostado á peça de 15 e eu sentado n'um monte de capas de peças. A noite era escura e mal nos divisavamos. Sobre nós a cupula grandiosa do Infinito marchada com a luz poetica das estrellas.

Levantei-me distrahido e quedei um pouco os olhos sobre essa casaria que se amontoava defronte dominada pelas torres romancas da Sé. De quarto em quarto de hora disparavamos um tiro de salva cujo som atroador essa casaria repercutia. De resto tranquillidade absoluta.

Durante o tempo que medeiava entre esses tiros tudo era silencio—reinava a tranquillidade nos elementos. A maruja e esses bravos cidadãos embarcados em Alcantara, quando do abandono do Quartel, dormiam socegados, as carabinas encostadas aos peitos—reinava a tranquillidade nas consciencias.

Vejo Tito ao pé de mim e sem trocarmos uma palavra começamos, em passo lento, percorrendo o tombadilho. O espirito concentrava-se, obstinadamente como que fazendo um esforço herculeo tendente a romper esse espesso envolvero que escondia a decifração do enigma que nos offerencia o dia seguinte.

Assim como machinalmente e simultaneamente iniciamos e prolongamos esse passeio, indifferentes a tudo que nos rodeiava, assim machinalmente e simultaneamente paramos junto á balaustrada que dá para o convex e quebramos, enfim, o mutismo, fazendo com que o espirito se circumscrevesse á analyse da realidade, reftreando a cometaria imaginação que na sua carreira vertiginosa nos fazia percorrer uma orbita incommensuravel pelas regiões phantasmagoricas do Vago e do Indefenido. Na alma de Tito havia um espinho que o mortificava. Casado havia pouco mais de um anno elle antevia a derrocada d'esse lar construido com tanto amor, com tanto carinho, com tanta sollicitude. Se o movimento fôsse dominado que *Via dolorosa* não percorreria essa esposa querida, no caso absolutamente certo do fuzilamento dos officiaes? Não seria só a dôr cruciante da viuvez a retalhar-lhe o coração mas tambem o ambiente hostil que lhe preparariam os aulicos d'uma monarchia corrupta pelo crime de ser esposa d'um homem altivo que seria considerado como precito. E essa creança, synthese do duplo amor, que dois mezes antes nascera para lhes embalsamar, com os seus encantos, a estrada espinhosa d'esta vida transitoria?

De novo os nossos pensamentos se desencontraram e não



O commissario nava! Marianno Martins que na manhã de 3 de Outubro foi ao quartel general como delegado revolucionario.—(Cliche Vasques)

foi mais possível a troca de impressões. Despedi-me d'elle dizendo-lhe que me ia deitar. No acaso, entrei n'um camarote e, antes que o somno reparador me enleiasse o corpo e me subjugasse com a força inquebrantavel dos seus braços immateriaes, o meu espirito critico juntou todos aquelles que se estavam batendo por um Principio e submetteu-os á mesma analyse subjectiva. Tito era um schema, os outros a generalisação

Durante o dia afadigoso uma audacia serena e um contentamento cheio de ingenuidade. Na noite cheia de mysterios a ternura propria da nossa alma de meridionaes. E concluí que grande já era a educação d'este povo cujo espirito o jesuitismo torturou durante tres seculos e

ro preparativo do desembarque. Vasconcellos e Sá não perdia occasião de accentuar o seu feitiço de *blagueur*.

Os primeiros alvores da madrugada encontraram-n'os já a appellarh o commettimento final. Os pontos scintillantes que lá no espaço infinito formavam, no conjuncto, um immenso reverbero iam pouco a pouco amortecendo, á medida que os fulgores orientaes se estendiam por todo o horizonte, adelgaçando a opacidade nocturna.

Raiou, emfim, a fatal testemunha das batalhas. O canhoneio que na Rotunda já se tinha iniciado recruscedia, agora, de intensidade. Balas perdidas vinham, perto de nós, afundar-se nas aguas glaucas, encrespando-lhes, levemente, a su-



O Rocio e o quartel General na madrugada do dia 5—(Cliché de Benolfe)

meio pois no momento, o coração era posto em segundo plano por uma Vontade dominadora, que nos levava a passos firmes para novos destinos delineados, a traços grossos, pela intelligencia, e esquadrados rigorosamente pelas linhas rectilineas da logica.

Pelas tres horas e meia da manhã despertei sobresaltado. Aos meus ouvidos chegava um rumor de vozes e um tenir de sabres indicativo que já todos estavam a pé promptos a entrar na acção decisiva que n'esse dia se devia realisar. Dirigi-me para a camara e já alli encontrei todos os officiaes esperando o momento que fôsse servida a refeição reconfortante e que era, na realidade, o primei-

perficie. Uma alegria enternecedora dominava a nossa gente. No combate que se iria travar sahiriamos vencedores ou vencidos? Quantos não morderiam o pó, varados pelas balas inimigas? Todavia d'aquella gente á commissura dos labios abria-se n'um amplo e rasgado sorriso. Um ou outro civil inexperiente no manejo das armas recebia as ultimas instrucções dos marinheiros. Desembarcaram todos os civis que estavam nos dois cruzadores. Eram mais de 300 devidamente armados. Receberam ordem de tomar o Museu de Artilharia depois do que deveriam ir juntar-se ás forças da Rotunda, pelo lado oriental da cidade.

Já tinhamos levantado ferro e nos dirigiamos para defronte do Museu

para apoiar aquelle movimento quando reparamos que se dirigia para nós um escaler com pessoas dentro, fazendo-nos signaes. Eram Innocencio Camacho, Simões Raposo e Pinto de Lima que nos vieram dizer que Machado Santos, com o ataque impetuoso que estava fazendo, não tinha munições para muito tempo e pedia a junção com as forças de marinha.

Parreira participou-lhe o desembarque dos civis e da acção que iam os apoiar. Dentro d'uma hora aquelles ter-lhe-hiam dado um grande reforço e nós atacariamos o Rocio pelo lado do sul. Foram-se e o navio continuou a sua marcha.

Talvez nem cem metros tivéssemos navegado quando aos nossos olhos se deparou, deslaldada no Muzeu, a bandeira revolucionaria. Foi necessario dar uma volta muito extensa para o navio ancorar no mesmo sitio que tinha largado



O general Gorjão
ultimo commandante
monarchico
da divisão de Lisboa

momentos antes. Passamos por um paquete allemão d'onde nos acclamaram freneticamente. Ao *spardech* accorriam passageiros e tripulantes que nos saudavam com *hurrahs* entusiasticos e a que nossa marinagem correspondia com delirio. Já estamos perto do couraçado *S. Paulo* quando se extinguiu essa manifestação. Passámos junto d'elle, silenciosos. A' ré via-se um luzido estado

maior e á proa um agglomerado de centenas de cabeças. Testemunhas do pleito social que se estava derimindo os seus rostos conservavam-se impassiveis e como que indifferentes mas, certamente, as suas almas voavam para nós com a *sympathia* natural dos homens livres pelos opprimidos que se querem libertar.

Fundamos de novo. Já se estava formando a força quando chega á bordo um official de caçadores 5. Era o alferes: Gomes da Silva. Vinha



Mariano Martins, á saída do Quartel General, aonde fôra propôr ao commandante da divisão a rendição das tropas—(Clichê de Benofiel)



participar que as forças do Rocio desejavam render-se e pedia que fôsse um official negociar com ellas. Ha uma pequena troca de explicações (1) finda a qual Parreira me nomeia para tratar com o commandante da divisão, dando-me o praso de duas horas para desempenhar essa commissão, findo o qual se eu não estivesse de volta seria considerado como preso do inimigo e elle iniciaria o bombardeamento do Rocio. N'aquelle momento não estava armado. O tempo urgia. Vasconcellos e Sá tira da cinta a sua espada e é com ella que vou cumprir a minha missão.

Acompanhado de Gomes da Silva vou desembarcar ao Terreiro do Paço onde alguns populares, que ali se encontravam, nos olham com curiosidade. A rua Augusta, completamente deserta, apresenta um aspecto lugubre. As lojas todas fechadas. Nenhuma janella aberta. Nas embocaduras

das ruas transvessaes grupos espiando os movimentos. No Rocio já se viam bastantes populares.

Subo as escadas do Quartel General e espero um momento na sala, depois de ter declinado a minha identi-

(1) Vide relatório de Parreira em «A Capital» de 30 de setembro de 1910. Depois de termos sahido do Quartel general, Gomes Silva disse-me que fóra a bordo de mltuo proprio, sem ser commissionado oficialmente porque entendia ser o momento azado para levar o Quartel General a render-se pela confusão em que todos lá se encontravam, em virtude da attitude dos regimentos. Que, d'esta maneira, se lá me retivessem preso liquidaria a vida, mettendo uma bala na cabeça.



1—O comité revolucionario de Marinha—(Phot. Allemã)
2—O cruzador «S. Raphael»

dade a um tenente que me pareceu estar de serviço. Vem falar commigo um coronel a quem digo que venho perguntar ao commandante da divisão em que condições se rendia e entregava as suas tropas. Retirou-se e os meus olhos seguem-n'o. Entra n'um salão onde estavam muitos officiaes. Pelo longo tempo que espero infiro que se estabeleceu grave discussão. Emfim entra na sala uma extensa theoria de officiaes. A' frente o general Gorjão a quem logo me dirijo dizendo-lhe saber que as tropas acampadas no Rocio estão dispostas a não fazer fogo sobre os marinhos, d'esta maneira vinha perguntar-lhe em que condições é que se rendia.

—Eu não me rendo, responde, porque tenho muitas forças ainda na mão e posso continuar a lucta.

mento. Resaltava, n'um golpe de vista, a característica assignatura de Machado Santos, nome desconhecido, até então, o que leva o general, olhando para os circumstantes a perguntar, admirado, quem é Machado Santos.

—E' um camarada meu, respondo.

Então lê o documento com attenção exclamando no final: mass isto é uma burla! Eu não declarei que forças nossas podiam ir juntar-se ás dos revoltosos. (1)

Um official, que nunca soube quem era, (2) responde com um tom de voz que denotava um grande aborrecimento: se são os revoltosos que concedem o armisticio elles tem o direito de impêdem as condições que quizerem.

Temendo que a discussão se prolongasse puz a questão no ponto de origem



As forças da marinha chegando ao Rocio. No meio, Marianno Martins com a bandeira da Republica, que acaba de ser proclamada.—(Clêchê de Benollet)

—As informações que este camarada—e aponto Gomes da Silva—nos levou a bordo são absolutamente contrarias ao que v. ex.º acaba de dizer.

—Pelo menos tenho ainda caçadores 5.

—Em caçadores 5 não póde contar v. ex.º com um soldado, objecta Gomes da Silva.

—Mas eu não disse a ninguem que me queria render. Quem o mandou a bordo dizer semelhante coisa?

—Eu fui a bordo de accordo com o meu commandante.

—O senhor fez uma grande *salsada*. Voltando-se para mim diz que a instancias do encarregado de negocios da Allemanha tinha pedido um armisticio d'uma hora. Precisamente trazem-lhe n'essa occasião esse docu-

mentando: sendo certo que cos soldados se recusam a fazer fogo em que condições v. ex.º entrega as tropas?

—Eu não entrego nada.

—N'esse caso, para respeitar o armisticio concedido pelos revolucionarios da Rotunda, declaro a v. ex.º que d'aqui a uma hora começamos a bombardear o Rocio, varrendo a rua do Ouro e a rua Augusta, fazendo o ataque depois com as forças que vamos desembarcar. Olhei para o relógio que havia n'aquella sala. Marcava precisamente oito horas e tres quartos.

Houve um momento de suspensão,

(1) N'esse documento Machado Santos dizia que se lhe podiam juntar durante o armisticio todas as forças que assim quizessem proceder.

(2) Gomes da Silva só o conhecia de vista. Ficou de se informar mas nunca chegou a saber o nome d'esse official.

o general disse:—eu não entrego coisa nenhuma porque já nada tenho que entregar. O senhor deve ter visto o espirito do povo, pois o espirito das tropas está com elle. Mande-as retirar para os quartéis

—Mas isso é uma burla! (1)

—Uma burla?!

—Sim, porque essas tropas não querem continuar a lucta é porque se rendiam ou adheriam. No primeiro caso entregavam as armas, no segundo faziam causa commum. Eu sei, porém, que querem adherir. Vamos desembarcar e com ellas proclamar a Republica.

Despedi-me, olho para a janella que me estava fronteira, e vejo ser içada uma bandeira revolucionaria. Em baixo um popular ousado arriava o symbolo da monarchia, substituindo-o pelo das nossas as-

senhor de mim. Fui empolgado por aquella onda humana e passado de mão em mão. Todos me abraçaram e os gritos de viva a Republica resoavam no espaço. Outros, chorando beijavam-me como se fôsse uma creança. Pude enfim seguir o meu caminho e chegar ao Caes das Columnas. Encontrei Pinto de Lima que me pergunta o que havia. Respondi-lhe que as tropas do Rocio adheriam e que iam desembarcar. E' preciso prevenir o Directorio para proclamar a Republica. Acabava de dizer estas palavras e Pinto de Lima desapparecia n'uma corrida. Levo para bordo a boa nova e uma alegria communicativa dominava tudo e domina todos. De repente um marinheiro tira-me o bonet da cabeça. Olho para elle admirado. Sorrindo abre a nauvalha, que a bordo trazem regulamentarmente, e com ella arranca a corôa



Os navios de guerra salvando a bandeira republicana ás 8 horas da manhã de 5 de Outubro

pirações, toco na verdade, feito, como foi, á pressa, com dois pedaços de panno, mas bello no que representava de justo, de digno e de grande. (2) Ao sahir o portão do Quartel General sinto como que um deslumbramento. O Rocio ainda ha pouco quasi deserto estava coalhado de gente. Ao transpor a grade já não mais fui

(1) Este termo foi empregado um pouco irreflexivamente, naturalmente, porque me estava a dançar na cabeça desde que pouco antes o tinha ouvido ao general. Talvez devido a esse termo é que um official que estava presente e que, mais tarde, foi entrevistado por dois jornaes de Lisboa agora extintos, ácerca de que se passou no Quartel General, nunca se referiu a este episodio. A um camarada meu que sobre o assumpto o Interrogou, disse que eu tinha entrado com uns ares muito arrogantes. Ora, a não ser esse termo, eu fui sempre cortez. Na minha correção tinha que tirar tudo quanto se podesse inferir humilhação, quer dizer tinha de dizer as coisas com firmeza. O homem que se revolta quer trazer sempre bom erguida a sua cabeça.

(2) Esta bandeira que eu vi içar foi, tambem, á minha vista, substituída por uma das mandadas fazer pela carbonaria. Já a Republica estava proclamada e o Quartel General occupado pelas forças de marinha.

que encimava a ancora symbolica.

A força sahiu do Arsenal e dirigiu-separa o Rocio. Nunca os meus olhos contemplaram espectáculo mais arrebatador. As ruas estavam despidas de atavios e sobre as nossas cabeças não choviam flores. Mas as dezenas de milhares de pessoas que se agglomeravam nas ruas da Baixa, ha pouco ainda desertas saudavam-n'os com um enternecimento de paes—sobre as nossas cabeças cahiam as suas bençãos. Eu conduzia a bandeira augusta da Revolução e que passava a ser o enternecedor symbolo da Patria. A maneira reverente como todos se descobriam, á sua passagem, produzia no meu espirito uma commoção profunda. Symbolo tão grande conduzido por tão mesquinhas mãos! Sentia-me pequenino e envergonhado. As acclamações succediam-se ininterruptamente. Aquella marcha era uma apothose da Republica. Novas energias vão reanimar este Povo. Novos destinos lhe estão propiciados. A minha fé na Republica é inabalavel, mas que os homens não se tornem semi-deuses e que a grande obra que se vae iniciar seja pura e immaculada.—MARIANNO MARTINS.

COMO UM CONGRESSISTA ESTRANGEIRO VIU OS PORTUGUEZES



O sr. Jean Metteix é um distinto desenhador de Toulouse que veio assistir ao ultimo congresso de turismo realizado em Lisboa, comprazendo-se em caricaturar não só as principaes figuras que tomaram parte nas excursões, nas festas, nas sessões mas, tambem alguns individuos conhecidos.

A maneira como o desenhador francez tracou algumas d'essas personalidades é curiosa, sobretudo se repararmos que todos esses trabalhos foram feitos n'um rapido momento, precisamente à la minute.



Theophilus Braga

*Amor da vie e amor
prumtic la mort
"D'escute"*

Jan Metteix



caabil



Jan Metteix

1—O caricaturista
e desenhador
francez
Jean Metteix

As caricaturas que apresentamos aos nossos leitores desenhou-as o distinto artista no comboio no regresso à sua patria de onde nol-as enviou.



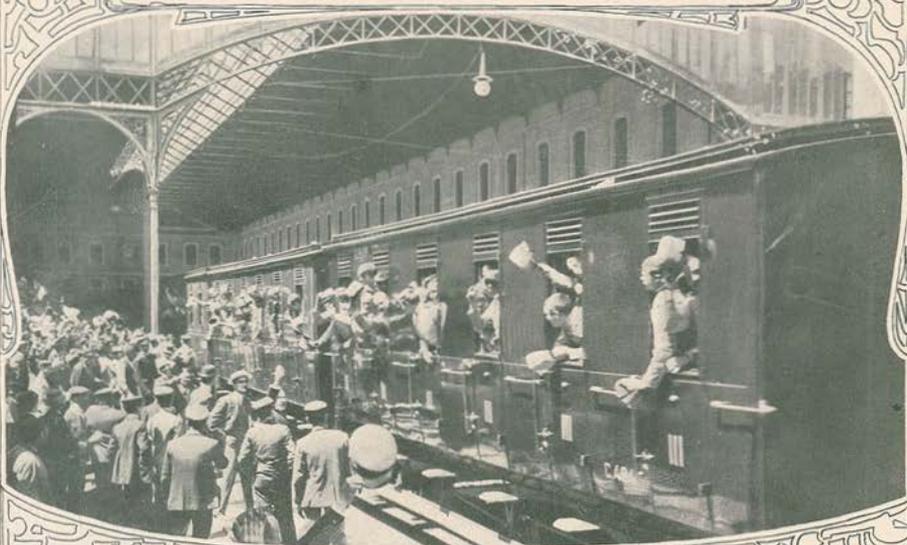
Jan Metteix

*Da Trés sympathie que
donna le Congrès! Sa illa
croque en wagon*



Abraham

A REPUBLICA CONTRA O PALADINO...



1—O comboio conduzindo o regimento de caçadores 5 largando de Santa Apolonia

Paiva Couceiro anda além fronteira com os seus partidarios procurando fazer a incursão. São innumeros os boatos, mas nenhum se confirma, relativos ao seu apparecimento em attitude aguerrida na raia portugueza. Apenas de quando em quando,



2—O embarque das metralhadoras
3—As visturas de saude e de munições



no limite da ponte internacional, soam vivas platonicos ao rei desthronado, a que do rio se responde com entusiasticas aclamações à Republica.

A fim de obstar, todavia, a alguma audacia de maior tomo, guarneceram-se de tropas algumas cidades do norte, vigiou-se attentamente a fronteira, collocaram-se



paiz se tem exercido a maior vigilancia desde que se disse: tramarem os conspiradores a sua entrada por Ayamonte. Os barcos da fiscalisação percorrem o Guadiana, andando a canhoneira *Faro* no mar largo.

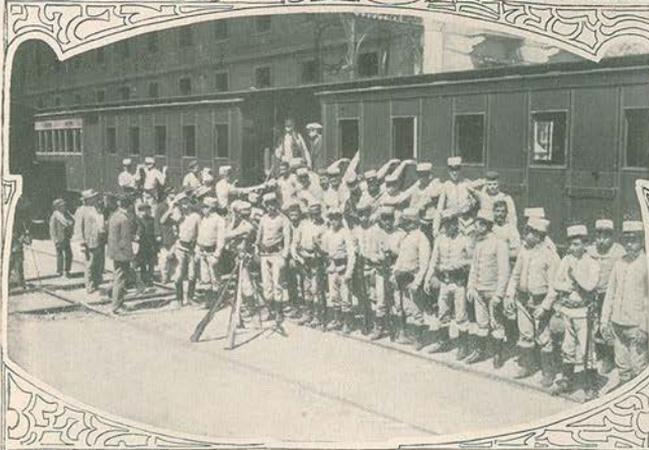
Assim, a Republica, ordenadamente, se defende do palatino de D. Manuel II., do ultimo official portuguez que pensa na restauração do throno.



1—Caçadores 5 em Santa Apolonia
2—O sr. ministro da guerra em Santa Apolonia

contingentes em Chaves como em Braga, e o rio Minho é policiado noite e dia pelos marinheiros. De Lisboa partiu o batalhão de caçadores 5, com as suas metralhadoras no meio da maior alegria dos soldados que foram aclamados por todo o percurso, indo aquartellar-se no Populo, em Braga.

Tambem no sul do



3—Partindo para a guerra 4—Uma viagem incommoda

(Cliches de Benoollé)

UMA ENCANTADORA INSTITUIÇÃO "O LAR MATERNAL" DE PARIS



Paris tem uma soberba instituição «O lar maternal». Ali encontram abrigo todas as mulheres grávidas sem distinção de raça, de religião, de nacionalidade. A parturiente desvalida chega; installam-na, cuidam-na e quando dá á luz o seu filho ainda a tratam durante seis semanas, havendo um enorme cuidado na assistência á creança nos primeiros mezes da sua vida.

A despovoação em França é enorme apesar d'estas obras de conservação que evitam a morte de muitas creanças por falta de soccorros á mãe e evitam até os crimes repugnantes de infanticidio.

Desde que o estabelecimento se fundou tem sido tratadas mais de tres mil mulheres e concedidos mais de cento e vinte mil dias de hospitalisação gratuita. E' um quadro realmente estranho o de tantas desventuradas amamentando os seus filhos nos jardins da instituição, n'aquella tranquil-



1—A casa do «Lar Maternal» na rua de Vauves
2—A revista do medico aos recém-nascidos



lidade das primeiras semanas de convalescença. Depois, á medida que o tempo vae decorrendo que de angustias ellas terão ao pensarem na forma porque vão tratar esses pequeninos entes a que a caridade assistiu. Outras instituições, porém, se abrem destinadas a

amparar as creanças na primeira infancia e assim muitos infelizes são creados pela esmola até que possam manter-se. Apesar da grande assistencia a pobres, são muitos e nem todos podem ser soccorridos não terminando nunca a tragedia dos miseraveis.



1—A enfermaria das parturientes 2—A refeição dos bebés

COSTUMES PORTUGUEZES

O MERCADO SEMANAL DE BARCELLOS.

Na quarta-feira, á tarde, e durante toda a noite, pesados carros de lavoura, chiando agudamente, calcurriam em direcção ao mercado; burricos em passo d'anjos, abarrotados com um sem-numero de coisas, começam a afluir.

Ao outro dia, pela manhãsinha, de terras distantes, diligencias prehistoricas alijam um alfobre de gentalha. Moçoilas, envergando trajos hilariantes, de cesto de verga á cabeça, aportam com as *novidades*. Pela arteria principal da patria de Gil Vicente, sôa o matraquear de soccos que pés robustos calçam.

E' um barulho ensurdecedor.

Decorrido poucas



copos, pratos, canecas e malgas vidradas, com pinturas toscas sobre diversos motivos, predominando a decoração botanica; e ainda bonecos, pobres de esthetica, põem uma nota caricatural n'aquella mescla de objectos de olaria. Vem-nos envolto com o borbolino do povo a voz sadia, possante, dos contractadores



horas, a feira offerece um espectáculo magestoso.

São as bichas de carros de pão; *gerbas* de verdejantes legumes; e renques de saccos de cereaes. A louça de barro, regional, povôa o solo, n'uma alluvião opima de tachos de ventres bojudos, panelas e alguidares,—estes ultimos proprios para

aparar o sangue que estusia aos borbulhões do gasganete dos cevados, quando da matança. N'uma promiscuidade encantadora,



1—Vendedeira de fructa
2—O vendedor de varapaus
3—Vendedeira de castanhas



çosos das cachopas com os cordões, trancelins e arrecadas d'ouro

O povoleu attende um charlatão koquaz que empoleirado, enaltece a efficacia d'um novø elixir

Em frente, pejando archaica mesa,, historias em prosa corriqueira: A de *Carlos Magno*, *Branca Flôr* e de *Pedro Sem*. Collecção vasta de reportórios, seduz o ledôr aldeão. O legitimo *Saragoçano*, o *Borãda d' Agua*, o *Trasmontano* e outros.

O sol, polvilha d'ouro o campo.

A cada canto ecõa, em voz de baritono, o pregão: *fresca limonada*, *fresquinha*. Adipçosos abbades pas-seiam.

Por entre o povo, rapazes *convertsam* as Marias—já casadoiras—d'olhos grandes, brazeiro crepitante de amor. N'um hemicio, raparigas; falam *tout bas*. De quando em vez apontam para um disforme brilhante que scintilla na corrente d'um *brazileiro*—côr de mate, recémchegado—que ha de ser para o anno o juiz da festa da freguezia *Cae* compassadamente no sino grande do templo do Bom Jesus da Cruz—meio dia. O silencio domina aquella vasta colmeia de obreiros ruraes. Cessa o *brouhaha* de mi hares de vozes, que se entrococam. Chapeus nas mãos. O espirito eleva-se ao Creador, n'uma breve oração que labios crentes balbuciam. Planura além ondula a sua messe de cabeças.

Segundos depois, lentamente, em escala ascencional, recomeça o falatorio verboso, febril, dos feirantes.

Barcellos, Junho 1911.

DOMINGOS FERREIRA.



de gado. Ber-ram no ajuste de preços. Paus de lodo, inesperadamente, vibram no espaço. Pan-cadas secas estalam n'uma continuidade in descriptível. Foi uma insignificante alteração. Puzeram os antagonistas as suas qualidades de puxadores á prova

Tempos houve em que uma só vara empunhada por pulso vigoroso *varria* uma feira. Estrada fóra, o olhar prescruador mergulha avidamente nas baracas. A entrada, enormes faixas negras esvoaçam. Sobre o improvisado balcão, cotins, fitas rajadas, botões, meias de lã e rosarios colleantes.

Lenços d'Alcobaça, de côres berrantes, gargalham alacrememente ao fundo da loja. O algibebe, um velhinho de intensa cabelleira, irrompe d'entre roupas em olores. Pendente de enferrujados pregos os fatos. Fraks, jaquetões, e até um *smoking*, já em fio, espera alma caridosa que os comprem.

A um lado, sósinho, um par de sapatos á Luiz XV—torto dos tacões—que talvez, quando novos, acariciassem voluptuosamente as plantas d'alguma irrequieta Julieta. Alinhados á flôr do chão, os cestos de sanguinho—tipicos, oitavados—aguçam o appetite do transeunte com o pão *põdre* das Necessidades.

Ourivesarias ambulantes, prendem os olhares cubi-



1—Vendedeiras ambulantes

2—O namoro

3—Ao dar o meio dia após se persi-gnar, beija soffregamente as mãos

FIGURAS E FACTOS



A Inglaterra é bem a amiga da tradição. Povo progressivo como nenhum outro, não desdenha já-mais das grandes cousas do passado. Os seus duques ainda teem corôas que collocam nas cabeças pelas grandes cerimoniaes, como nos velhos tempos: ainda nos solares ha os aposentos destinados aos reis quando os queriam honrar e ainda o duque de Wellington pelo anniversario de Waterloo vae levar ao soberano uma bandeira igual á tomada por seu glorioso avô na celebre batalha.

Essa cerimoniaes nunca redundam no ridiculo. Teem sempre a imponencia que mais do que nunca se vae mostrar na coroação de Jorge V. O mundo tem a sua attenção presa n'esse soberbo cerimoniaes e a Inglaterra vae já ensaiando, mesmo os detalhes, para ella ser o que realmente se espera: uma apoteose.



1—Um ensaio para a cerimonia theatral da coroação de Jorge V. Os cavallos que devem ser atrelados á carruagem real fazem, atrelados a um pesado fourgon, o itinerario do cortejo.—(Cliché Deltus)

2—A visita do sr. dr. Eusebio Leão a Gavão, sua terra natal: O governador civil de Lisboa com a commissão republicana local

3—Retrato de M. A. pela sr.ª D. Maria Almeida Margiochi, exposto na Sociedade Silva Porto (Cliché Fernandes)

